



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
INGLÊS E ESPANHOL

IONE MICHELE ADELAIDE VIEIRA

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A ABORDAGEM
COMUNICATIVA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

CABEDELO
2023

IONE MICHELE ADELAIDE VIEIRA

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A ABORDAGEM
COMUNICATIVA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Especialização em
Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e
Espanhol – do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
– IFPB, Campus Cabedelo, como requisito
para a obtenção do título de Especialista, sob
a orientação do Professor Me. Júlio César
Vasconcelos Viana.**

**CABEDELO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

V657p Vieira, Ione Michele Adelaide.

O processo de aquisição da linguagem e a abordagem comunicativa no ensino de línguas estrangeiras. /Ione Michele Adelaide Vieira. - Cabedelo, 2023.
31 f. il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas - Inglês e Espanhol) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.

Orientador: Prof. Me. Júlio César Vasconcelos Viana.

1. Abordagem comunicativa. 2. Aquisição. 3. Língua estrangeira.

I.Título.

CDU 37.091.33

IONE MICHELE ADELAIDE VIEIRA

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A ABORDAGEM
COMUNICATIVA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do grau de Especialista em
Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês
e Espanhol– IFPB – tendo sido aprovado
pela banca examinadora composta pelos
professores abaixo.

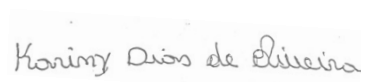
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Júlio César Vasconcelos Viana
Orientador – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB



Prof.ª Dra. Tatiana Maranhão e Silva
Examinador – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB



Prof.ª Especialista Kariny Dias de Oliveira
Examinador – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

AGRADECIMENTOS

Considerando este trabalho como resultado de uma caminhada que não começou aqui, agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

A Deus que conduz os meus passos e acolhe-me em todos os momentos da minha vida.

Ao professor Júlio César Vasconcelos Viana, pela disponibilidade e paciência, durante o processo final.

À minha família pelo apoio incondicional.

Aos meus “queridos amigos”, aos próximos e aos distantes, pelo apoio e por terem sempre acreditado no meu potencial.

Aos mestres que semearam o saber e vontade de aprender cada vez mais.

Aos colegas de trabalho pelo apoio e compreensão.

Enfim, a todos que contribuíram com a construção desse trabalho.

SUMÁRIO

1 Introdução	08
2 O Processo de Aquisição da Linguagem e a Abordagem Comunicativa no Ensino de Línguas Estrangeiras	10
2.1 O Processo de Aquisição da Linguagem	10
2.1.1 As Teorias da Aquisição da Linguagem.....	11
Behaviorismo	11
Inatismo	13
Interacionismo	16
2.2 A Abordagem Comunicativa	19
2.2.1 Competência Comunicativa	21
2.2.2 Métodos Comunicativos no ensino de línguas	24
2.2.3 O Processo Ensino/ Aprendizagem no ensino de línguas	25
3 Metodologia.....	27
4 Considerações finais	28
Referências	30

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A ABORDAGEM COMUNICATIVA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Ione Michele Adelaide Vieira¹

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma reflexão sobre o processo de aquisição da linguagem e a abordagem comunicativa associada ao ensino de línguas estrangeiras, contextualizando-os com as principais teorias que os fundamentam. Em assim sendo, o texto articula-se de modo a apresentar as principais características da Abordagem Comunicativa, demonstrando como ela funciona na prática e evidenciando os seus êxitos e falhas no que se refere ao cumprimento de seus objetivos, ou seja, na aprendizagem de uma língua estrangeira, seja ela oral, escrita, ou ambas simultaneamente. Além disso, o presente estudo objetiva enfatizar a comunicação como um conjunto de competências que o aluno adquire progressivamente durante sua formação. Mostra também que o mais importante não é saber sobre o sistema linguístico, mas o que se pode fazer com a linguagem no mundo real. Nessa perspectiva, considerando o aluno como ser social representante da sociedade onde está inserido e que faz uso da língua para se firmar como verdadeiro sujeito da linguagem, a interação deve ser concebida como fator primordial para que a aprendizagem aconteça. A pesquisa transcorreu de forma qualitativa com levantamento de dados bibliográficos sobre o tema, comparações e análise das informações. O referencial teórico foi respaldado pelas contribuições de Lightbown e Spada (2013) sobre as teorias da aprendizagem de línguas estrangeiras, Krashen (1981), com o aporte teórico referente à aquisição de segundas línguas e no tocante à abordagem comunicativa e Almeida Filho (2002) com suas contribuições sobre o ensino e aprendizagem de Inglês como língua estrangeira.

Palavras-chave: Abordagem Comunicativa. Aquisição. Língua Estrangeira.

¹ Discente do Curso de Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol- IFPB

ABSTRACT

This work consists in a reflection about the language acquisition process and the communicative approaches associated with the foreign languages teaching, contextualizing them with the main theories in which they are based. Therefore, the text is articulated in order to present the main features of the Communicative Approach, showing how it works in practice and highlighting its successes and failures with regard to the accomplishment of its objectives, that is, in learning a foreign language, whether oral, written, or both simultaneously. Besides, the present study aims to emphasize the communication as a set of competence that that students progressively acquires during their formation. It also shows that the most important thing is not knowing about the linguistic system, but what can be done with language in the real world. From this perspective, considering the student as a social being, representative of the society in which he/she is inserted and that he/she uses the language to assure him/herself as a real subject of language, the interaction should be conceived as a primary fact in order to the learning process to occur. The research was carried out qualitatively with bibliographical data collection on the topic, comparisons and analysis of information. The theoretical framework was supported by the contributions of Lightbown and Spada (2013) on theories of foreign language learning, Krashen (1981), with the theoretical contribution regarding the acquisition of second languages and with regard to the communicative approach and Almeida Filho (2002) with his contributions to the teaching and learning of English as a foreign language.

Keywords: Communicative Approach. Acquisition. Foreign Language.

1. INTRODUÇÃO

O homem é um ser naturalmente propenso a falar. Daí a constatação de que todas as crianças em condições normais, ou seja, sem problemas no mecanismo da linguagem, aprendem eventualmente a falar alguma língua - a sua língua materna - e possivelmente aprenderão, no decorrer de suas vidas, outra(s) língua(s). Aprender língua(s), portanto, foi e sempre será uma necessidade para a maioria dos seres humanos, pois as civilizações se formam a partir do contato entre povos que dependem diretamente desta interação para continuar existindo, seguir avançando e se comunicando.

Segundo Scarpa (2006), “a aquisição da linguagem é, pelas suas pesquisas, uma área híbrida, heterogênea ou multidisciplinar” e, devido a isso, muitos debates surgiram ao longo da história a respeito da maneira pela qual nós adquirimos a linguagem. Alguns estudiosos defendem a imitação, outros o condicionamento, outros as habilidades inatas e outros ainda consideram um pouco de cada um desses.

As teorias da aprendizagem – Behaviorismo (Skinner, 1957), Inatismo/ Gerativismo (Chomsky, 1959) e Interacionismo (Piaget (1978) e Vygotsky (1962) – surgiram com o propósito de tentar explicar como se dá esse processo e cada uma destas teorias oferece interpretações para determinados aspectos da linguagem no processo de aquisição, sendo referente à língua materna ou à segunda língua.

Ao considerarmos o aporte teórico que fundamenta a aquisição da linguagem, podemos desvendar os mecanismos que tornam possível a comunicação. Dessa forma, é demasiadamente necessário compreender como as pessoas adquirem habilidades linguísticas ao aprender uma segunda língua, analisando características que perpassam a motivação, a idade do aprendiz, o ambiente de aprendizagem e os métodos utilizados.

A partir disso, surge-nos a indagação: Como se aprende uma língua estrangeira? Acreditamos que isso acontece quando a língua faz sentido para o aprendiz e lhe oferece oportunidades de uso da língua, seja lendo, ouvindo, falando, escrevendo ou interagindo. E é baseado nessa premissa que surge a abordagem comunicativa. Seu estudo faz-se importante no

sentido de conhecer sua eficácia na aquisição de L2 e no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira.

A Abordagem Comunicativa possui potencialidades que vale a pena explorar. Além disso, os métodos comunicativos têm como foco o sentido no significado e na interação propositada na língua estrangeira e que se organiza em experiências de aprender em atividades relevantes de real interesse ou necessidade para o aluno, assim como também, possibilitar a constituição de sujeitos, que ao expressarem suas construções, vivenciam uma das práticas mais fascinantes – a linguagem.

Dessa forma, considerando o objeto de estudo da teoria da aprendizagem de segundas línguas, de forma mais específica, a Abordagem Comunicativa, apresentamos neste estudo o objetivo de Compreender as diferentes propostas teóricas que pretendem dar conta do processo de Aquisição da Linguagem, as concepções que favorecem o desenvolvimento cognitivo da linguagem e a relação entre esses e a abordagem comunicativa da língua.

Inicialmente, foi feita uma breve revisão acerca das teorias de aprendizagem de língua materna e de segunda língua. Em seguida, é enfatizado o papel da Abordagem comunicativa e suas contribuições para o processo de aquisição e aprendizagem de segunda língua. Por fim são feitas as considerações finais e listadas as referências.

O referencial teórico foi respaldado pelas contribuições de Lightbown e Spada (2013) sobre as teorias da aprendizagem de línguas estrangeiras, Krashen (1981), com o aporte teórico referente à aquisição de segundas línguas e no tocante à abordagem comunicativa e Almeida Filho (2002) com suas contribuições sobre o ensino e aprendizagem de Inglês como língua estrangeira.

2. O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E A ABORDAGEM COMUNICATIVA NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

2.1 O Processo de Aquisição da Linguagem

A necessidade de se comunicar, de falar, é algo inato ao homem. Portanto, qualquer indivíduo (sem problemas no mecanismo da linguagem) está propenso a adquirir a fala, a adquirir alguma língua.

Através da linguagem o ser humano tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças e regras, adquirindo os conhecimentos de sua cultura. A medida que a criança se desenvolve, seu sistema sensorial, incluindo a visão e audição, se torna mais refinado e ela alcança um nível linguístico e cognitivo mais elevado, enquanto seu campo de socialização se estende, principalmente quando ela entra para escola e tem maior oportunidade de interagir com outras crianças.

Segundo Scarpa (2006), “a aquisição da linguagem é, pelas suas percepções, uma área híbrida, heterogênea ou multidisciplinar.” Através dessa afirmação, a autora vem nos mostrar que a aquisição da linguagem, seja na língua materna ou a aprendizagem de uma língua estrangeira, é algo complexo e que, ao longo do tempo, recebeu atenção especial de pesquisas e estudos entre teorias psicológicas e linguísticas.

Como esse processo ocorre? Há um período crítico (idade máxima) para a aquisição? Qual a verdadeira importância da interação? Na tentativa de entender como se dava o processo de aquisição da linguagem, estudiosos da Psicologia e da Linguística, formularam teorias de aprendizagem, dentre as quais destacamos: Behaviorismo (Skinner, 1957), Inatismo (Chomsky, 1959) e Interacionismo (Piaget (1978) e Vygotsky (1962).

Dentre inúmeros estudos, destacaremos as três principais teorias que ao longo dos últimos anos, vem tentando oferecer explicações para o complexo processo da aquisição de línguas materna e a aprendizagem de línguas estrangeiras, tanto quais sejam: Behaviorismo, Inatismo/Gerativismo e Interacionismo.

2.1.1 As Teorias de Aquisição da Linguagem

Behaviorismo

A teoria Behaviorista ou Comportamentalista defende os fenômenos da linguagem através de estímulos observáveis e respostas produzidas pelos falantes em situações específicas. Do ponto de vista psicológico, o Behaviorismo é uma teoria e, ao mesmo tempo, um método de investigação do comportamento humano e animal. Em relação à linguística, vem explicar os fenômenos da comunicação linguística.

O Behaviorismo teve grande influência, especialmente nos Estados Unidos, antes e depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, teve como principal defensor, o psicólogo Burrhus Frederic Skinner.

Segundo Skinner (1948 apud RIVERS, 1964), aprender uma língua materna não seria diferente da aquisição de outras habilidades e comportamentos, como andar de bicicleta, dançar etc. Em suas palavras,

Não temos razão alguma para supor... que o comportamento verbal seja diferente, em qualquer aspecto fundamental, do comportamento não-verbal, ou que deva recorrer a alguns princípios novos para explicá-lo.” (1948 apud RIVERS 1964, p.33)

Assim, para ele, o comportamento verbal consiste em associações de estímulo-resposta e, quanto mais a criança estiver exposta a um ambiente de fala e também à consistência do elogio ou reforço positivo, direcionando-a a uma formação de hábitos corretos de aprendizagem, mais rápido ela estará adquirindo sua primeira língua.

Assim, como na aquisição da língua materna, os behavioristas acreditavam que na aprendizagem de segunda língua, o processo ocorria através de imitação, repetição e correção, os quais implicariam na formação de bons hábitos de aprendizagem.

Sobre isso, nos diz Politzer (1961 apud RIVERS, 1964, p.23): “A linguagem é “comportamento” e o comportamento só pode ser aprendido induzindo-se o aluno a comportar-se”. Brooks (1960, apud RIVERS 1964, p.23) ainda acrescenta: “o único fato preeminente sobre a aprendizagem da língua, é que não visa à solução de problemas e sim à formação e

desempenho de hábitos (...) um indivíduo não aprende cometendo erros, mas dando respostas certas”.

Como o desenvolvimento linguístico é visto pelos behavioristas como resultado da formação de hábitos, considera-se que, no início do aprendizado de segunda língua, o aprendiz tem seus hábitos formados no uso da primeira língua e isto interfere nos novos hábitos que precisam ser adquiridos para o domínio da segunda língua. Assim, segundo Fernández (1997) e Baralo (1999), os behavioristas apontavam uma questão relevante no aprendizado de uma segunda língua, a influência da língua materna. Para eles, deve-se ter cuidado para não permitir que as regras de primeira língua influenciem na aprendizagem da segunda.

Essa interferência se dava pela necessidade de entender a nova língua, tendo como subsídio, as estruturas da língua materna. Dessa forma, acreditavam que os erros e as especificidades da língua falada pelos não-nativos poderiam ser evitados por meio de uma análise constrativa dos sistemas linguísticos em contato, a língua materna e a segunda língua. Para explicar os erros cometidos por alguém que está aprendendo uma segunda língua, desenvolvendo assim a *Constrative Analysis Hypothesis*² (CAH). A CAH, portanto, considerava que toda a aprendizagem estaria intrinsecamente relacionada à transferência de estruturas da Língua Materna, que só seria positiva, sem o aparecimento de erros, quando estas coincidissem com as estruturas da segunda língua.

Não há dúvidas de que a língua materna influencie na aprendizagem de uma segunda língua. Porém, muitos estudiosos da área enfatizam que a CAH não prediz todos os erros cometidos por quem está aprendendo uma nova língua. Sobre esta insuficiência da CAH, Lightbown e Spada (1999) nos diz que os erros cometidos na aprendizagem de uma segunda língua não se dão simplesmente pela transferência direta das estruturas da língua materna para as da língua alvo no processo de aquisição desta, mas sim, por uma tentativa de descobrir a própria estrutura da língua que está sendo aprendida.

Quando se percebeu que a CAH já não era mais suficiente para explicar os erros cometidos por quem aprende uma segunda língua, passou-se a buscar uma nova teoria ou hipótese para explicar esse fenômeno. Foi então que, por volta dos anos 70, pesquisadores formularam uma nova hipótese para analisar os erros e criaram uma alternativa a “*error*

² Hipótese de análise Constrativa. (tradução feita pela autora)

analysis".³ Tal abordagem foi influenciada pelo behaviorismo e tinha como objetivo, analisar e não mais prever os erros cometidos por quem aprendia uma segunda língua, propiciando, assim, uma nova compreensão do problema, como nos afirma LIGHTBOWN e SPADA (1999).

A partir desse momento então, já se começa a observar e compreender que o behaviorismo não era suficiente, ou pelo menos incompleto, para explicar todos os fenômenos percebidos no processo de aprendizagem de uma segunda língua. Assim então, surgem novas teorias, com o intuito de tentar entender como se dava o processo da aquisição e aprendizagem da linguagem.

Inatismo

O linguista Noam Chomsky aparece em 1959, com uma crítica ao livro "Comportamento Verbal"⁴ de Skinner, posicionando-se contra a visão behaviorista defendida por este. Segundo Scarpa (2006), Chomsky rejeita a projeção das evidências skinnerianas, pois não aceitava que resultados de experimentos laboratoriais com animais pudessem ser projetados para a linguagem humana. Acrescenta, ainda, que as estruturas de condicionamento e de aprendizagem, ou seja, a imitação, nem de longe pode explicar a complexidade da sofisticação do conhecimento linguístico.

As contribuições de Chomsky foram intituladas de teoria Inatista ao defender que os seres humanos nascem programados biologicamente para falar, assim como cada ser nasce programado pra realizar alguma habilidade específica.

Essa teoria é baseada na hipótese de que todos os seres humanos possuem conhecimentos inatos. Assim, Chomsky nomeou esse conhecimento de Gramática Universal (GU). Esta gramática traria em si regras universais para a aquisição da língua materna. Seria necessário apenas a ativação de tais regras, as quais ocorrem normalmente através do contato ou exposição da fala. Na GU, pondera-se que a estrutura da linguagem é produto dos processos mentais do ser humano e resultado da experiência linguística de cada indivíduo.

³ Análise de erro (tradução feita pela autora)

⁴ Skinner, B. F. **Verbal behavior**. New York:Appleton-Century-Crofts. 1957.

Como nos afirma Lightbown e Spada (1999, p.36), Chomsky não faz referências específicas sobre as consequências de sua teoria para o aprendizado de uma língua estrangeira.

Esta questão, porém, tem provocado diferentes pontos de vistas entre os linguistas. Para uns, a GU oferece uma das mais consistentes explicações para a aquisição da linguagem, tanto de primeira, quanto de segunda língua. Para outros, a GU não é aplicável no estudo da aprendizagem da segunda língua para aprendizes que já passaram pelo chamado “período crítico” de aquisição da linguagem, ou seja, uma idade propícia a aprender uma segunda língua. Para Lennenberg (1967) o período crítico se inicia por volta dos 2 anos e se encerra por volta da puberdade. Esse período é chamado de crítico porque seria aquele mais sensível à aquisição da linguagem.

Para esses linguistas, a teoria de Chomsky não seria a melhor opção para explicar o processo de aprendizagem de uma segunda língua, apenas seria “aceitável” para aquisição da primeira língua, visto que não era capaz de explicar o sucesso de alguns adultos no processo de aprendizagem de uma segunda língua, já que refletiria a “aquisição” de uma segunda língua depois do chamado “Período Crítico”.

Além de Chomsky, um outro Inatista conquistou espaço principalmente na área de linguagem, tentando explicar a aquisição de segunda língua. Stephen Krashen propôs em 1982, hipótese de aquisição de L2, a qual denominou de “*Monitor Model*”⁵. Ela defende determinadas afirmações ou hipóteses que, segundo Krashen (1983, apud RICHARDS E ROGERS, 1986, p.131) foram provadas por muitas pesquisas.

O Monitor Model é uma hipótese fundamentada na teoria inatista de segunda língua e tem sido de grande influência também no ensino de LE. Cinco hipóteses constituem o que Krashen (1982) originalmente Chamou de “*Monitor Model*”.

Vejamos, portanto, os pontos da teoria de Krashen:

1. A hipótese de aquisição - aprendizado (*the acquisition-learning hypothesis*)

Para Krashen (1982), há duas formas pelas quais uma pessoa desenvolve conhecimento sobre uma segunda língua: aquisição (*acquisition*) ou aprendizado (*learning*). A

⁵ Modelo do monitor. (tradução feita pela autora)

aquisição de uma segunda língua se dá através de exposição à ambientes onde ela estiver sendo falada, nas situações reais e concretas de interação. Já o aprendizado se dá através do estudo formal da língua alvo, ou seja, receber e acumular informações das regras gramaticais de segunda língua. Sobre isso nos fala o próprio Krashen (1982, p.34)

Acquisition requires meaningful interaction in the target language - natural communication – in which speakers is concerned not with form of their utterances but with the messages they are conveying and understanding.”⁶

Para Krashen (1982), a aquisição é um processo muito mais importante do que o aprendizado, pois através da aquisição, pode-se chegar a uma fluência maior no falar, isto é, a uma comunicação natural. E isso é possível mesmo sem o estudo formal de regras gramaticais, pois essas são adquiridas inconscientemente no processo de aquisição.

Mas a teoria de Krashen é constratada pela idéia do teórico cognitivista Richard Shimidt (1990) o qual defende que não há diferença alguma entre aquisição e aprendizagem, pois segundo ele *“everything we come to know about the language was first ‘noticed’ consciously”*⁷. (1990 *apud* LIGHTBOWN e SPADA, 1999, p. 41).

É interessante salientar que embora se saiba que existem correntes que tratam a aprendizagem e a aquisição como termos sinônimos, vale ressaltar que, no nosso estudo, utilizaremos as nomenclaturas das correntes que os diferencia.

2. A Hipótese do monitoramento (*monitor hypothesis*)

O sistema de aquisição seria responsável pela fluência e pelos julgamentos intuitivos sobre correção. Já o sistema de aprendizagem, funcionaria como um editor ou monitor, promovendo pequenas mudanças e fixando o que o sistema de aquisição tinha produzido. Para Krashen(1982) , os alunos usariam o monitor apenas quando a preocupação com a correção

⁶ A aquisição exige interação significativa na língua-alvo - comunicação natural – na qual falantes estão preocupados não em formar suas frases, mas com as mensagens que eles estão compreendendo e transmitindo . (tradução feita pela autora)

⁷ “tudo o que conhecemos sobre a língua foi primeiramente ‘percebido’ conscientemente”. (tradução feita pela autora)

fosse maior que com a mensagem a ser transmitida. A escrita, por isso, seria mais propensa à ação do ‘monitoramento’ que a fala.

3. A Ordem Natural (*Natural order*)

Os aprendizes de segunda língua, assim como os que adquiriram a primeira língua, aprendem as funções da língua-alvo em sequências previsíveis. Ao contrário do que se poderia presumir, as regras mais fáceis de ‘aprender’ não seriam necessariamente as primeiras a serem adquiridas. Dessa forma, de acordo com a visão de Krashen, a ordem natural, assim, seria independente da ordem na qual as regras são ensinadas nas aulas de segunda língua.

4. Input (*The input hypothesis*)

Segundo Krashen (1982), uma pessoa adquire uma segunda língua através da exposição direta à língua falada (input), ou mais especificamente de um “*comprehensible input*”, isto é, de um *input* que seja compreendido pelo ouvinte/aprendiz.

Portanto, o *Comprehensible Input* é uma linguagem que esteja um pouco acima da capacidade de entendimento, e dessa forma a compreensão e a aquisição acontecem. Esse tipo de input pode ser observado tanto em criança – *child-directed speech*⁷, como também em adultos – *foreigner talk*⁸.

5. Hipótese do filtro Afetivo (*The affective filter hypothesis*)

Esta hipótese afirma haver uma barreira imaginária de ‘emoções’, positivas ou negativas, que podem impedir os aprendizes de adquirir uma segunda língua. Para Krashen(1982), o estado mental do aluno pode limitar o que é percebido e o que é adquirido no processo de aquisição de uma segunda língua. O filtro estará ‘alto’ quando o aluno estiver estressado, inconsciente ou desmotivado. Ele será ‘baixo’, quando o aluno estiver relaxado e motivado.

As teorias de Krashen foram, sem dúvida, de grande relevância no âmbito da aquisição de segunda língua. Apesar disso, suas hipóteses sofreram inúmeros ataques, tanto de

⁷ Maneira pela qual os adultos falam com as crianças, adaptando o nível de seu discurso ao nível do discurso delas, como também em adultos – foreign.

⁸Conversa estrangeira - Recurso que os nativos usam para simplificar a comunicação com os não-nativos, adaptando o seu discurso ao nível destes.

pesquisadores sobre aquisição, como de professores que não se conformavam com um modelo que minimizava a importância do ensino formal do idioma.

Outra importância para as idéias de Krashen é que elas foram bastante influentes na formação do chamado *communicative language teaching* (CLT), ou abordagem comunicativa. Contudo, elas ainda são contestadas por muitos linguistas por não conter hipóteses que possam ser provadas empiricamente. Trataremos desses assuntos, relacionados a abordagem comunicativa, mais adiante.

Interacionismo

Uma outra teoria sobre aquisição da linguagem é o Interacionismo que, como o próprio nome diz, enfatiza que é ao interagir com o meio que a criança começa a adquirir linguagem. Há uma relação do ambiente estimulante da fala com as capacidades inatas da criança para determinar o desenvolvimento de sua linguagem.

Lightbown e Sapada (1999) afirmam que os Interacionistas davam grande importância ao ambiente. Para eles, o ambiente tem papel determinante no desenvolvimento da linguagem na criança.

Entre os Interacionistas podemos destacar dois grandes pensadores, Jean Piaget (1978) e Lev Vygotsky (1962). Embora apresentem algumas divergências quanto a alguns aspectos do processo de aquisição da linguagem, ambos reconhecem a interação como essência do mesmo.

Para Piaget (1978), cognitivista do construtivismo, as estruturas da linguagem da criança não são nem inatas nem adquiridas. Tais estruturas resultam, pois, da interação entre um certo nível de desenvolvimento cognitivo e um determinado ambiente linguístico e social. A criança, portanto, constrói o conhecimento com base na experiência com o mundo físico, isto é, a fonte do conhecimento está na ação sobre o ambiente. (SANTOS, 2007, p.222)

Ao contrário dos Inatistas, Piaget (1978) não via a linguagem como algo separado em módulos no cérebro, mas como um sistema de símbolos desenvolvidos na infância.

Já Vygotsky (1962) defendia que o desenvolvimento cognitivo e o da linguagem ocorriam simultaneamente. Porém, não através de um contato com um mundo físico, mas sim através de interação social.

As propostas de Vygotsky para melhor dar conta do alcance social da aquisição da linguagem, surgem efetivamente nos anos de 1970, no auge dos questionamentos no Inatismo de Chomsky (1959) e como uma alternativa ao cognitivismo construtivista de Piaget.

Scarpa (2006) em relação à visão Vygotskyana, argumenta que em meio à interação, a criança é capaz de avançar ao mais alto nível de conhecimento em relação à linguagem. E ainda enfatiza a conversa entre a criança e o adulto e entre a criança e outras crianças e percebe que essa interação promove além da linguagem, o pensamento. Daí a ênfase de Vygotsky a importância do outro, do interlocutor, no desenvolvimento da linguagem.

Assim como na aquisição de língua materna, o Interacionismo defende a importância da interação entre os aprendizes e falantes da língua-alvo como ponto fundamental para a aquisição de uma segunda língua. Acreditam ainda que pode haver aquisição quando esta interação é entre um aprendiz de menor nível com outro de maior nível de linguagem, como por exemplo um aluno e um professor.

O papel da interação para a aquisição de uma segunda língua foi levantado e posto em prática no meio científico por Michael Long (1983). Este autor foi o criador da “*Interaction Hypothesis*”, a qual destaca o papel central da interação no processo de aquisição de uma segunda língua e que é uma extensão da “*Input Hypothesis*” de Krashen.

Long (1983) concorda com Krashen (1982) sobre a importância do “input” para a aquisição de uma segunda língua, porém destaca a necessidade da interação entre os falantes. Essa interação, pois, é composta de modificações na maneira de utilizar a língua para que o outro entenda o que está sendo conversado.

A partir desta idéia, Long conduziu estudos em grupos de falantes nativos e de não-nativos e percebeu que eles (os falantes nativos e não-nativos) utilizavam certas “táticas de conversação” com o objetivo de produzir comunicação entre eles.

São exemplos de “táticas de comunicação”:

1. “*Clarification Request*” – são os pedidos dos falantes não nativos durante o processo de comunicação, para que o outro, nativo, esclareça e explique novamente o assunto. Por Exemplo: “Você pode repetir, por favor?”.

2. “*Comprehension Checks*” – são o esforço e a preocupação do falante nativo para certificar-se, através de perguntas, de que o falante não-nativo entendeu. Por exemplo: “O ônibus sai às 6:30. Você entendeu?”

3. “*Self Repetition or Paraphrase*” – são as repetições que o falante nativo faz, em parte ou por inteiro, das frases faladas. Por exemplo: “Ela se perdeu no caminho de casa para a escola. Ela estava caminhando de casa para a escola. Ela se perdeu.”.

Assim, as “táticas de conversação” promovem uma maior compreensão do que se está sendo falado, ou seja, faz a conversa fluir, levando à aquisição da linguagem.

A aquisição da linguagem não é um processo simples de ser descrito, porque envolve muitos e distintos aspectos. Por isso é que as tentativas de explicar o fenômeno são inúmeras e inesgotáveis. Por questões metodológicas, neste trabalho, apresentamos apenas as três principais abordagens teóricas sobre a aquisição da linguagem, seja em uma visão de L1 ou de L2.

Assim, verificamos que, apesar de cada uma destas teorias oferecerem explicações para determinados aspectos da linguagem no processo de aquisição, nenhuma delas fornece explicações definitivas sobre o processo de aquisição como um todo. Por isso, não é possível, com os conhecimentos disponíveis até o momento na literatura, eleger somente uma dessas opções, mas reconhecer as contribuições de cada uma, tentando conciliá-las no processo de ensino e aquisição do falante-ouvinte.

2.2 Abordagem Comunicativa

A renovação dos métodos de ensino nos anos 70 e os estudos sobre a Aquisição de Linguagem levaram a área de Ensino de Línguas a um grande amadurecimento. O resultado deste processo foi a construção de uma visão holística a respeito dos processos de aprendizagem de língua, culminando em uma crença de princípios bem fundamentados, tanto na teoria, como na experiência. Assim, os professores de idioma, pela busca de um método perfeito, optaram por uma abordagem que priorizasse a comunicação e fosse bem eclética em relação ao emprego de técnicas bem-sucedidas de outros métodos. Este foi o nascimento da Abordagem Comunicativa, que ganhou força nos anos 80.

A Abordagem Comunicativa surgiu, assim, em meio a uma série de discussões e, por isso, concebe a comunicação sob diferentes visões. Para Tardin Cardoso (2004), a abordagem comunicativa fundamenta-se nas visões cognitiva, humanística e sociolinguística de ensinar e aprender uma língua estrangeira. A visão cognitiva valoriza a aplicação de tarefas para fazer com que o aprendiz experimente envolvimento cognitivo: solução de problemas, relatos de filmes, anotações, compreensão de leitura e compreensão auditiva. A visão sociolinguística relaciona-se às dimensões socioculturais da linguagem. A visão humanística incorpora filosofias educacionais baseadas na psicologia humanista, que têm como finalidade desenvolver a pessoa como um todo na sociedade humana. Os alunos são levados a aceitar a responsabilidade pela sua própria aprendizagem, a tomar decisões, a expressar sentimentos e opiniões sobre necessidades, habilidades e preferências.

O ensino comunicativo tem em vista proporcionar o desenvolvimento da competência comunicativa que torna o aluno capaz de por em prática a aprendizagem adquirida em forma de comunicação, ou seja, envolve a capacidade de usar a língua propriamente em um contexto social, assim como também o conhecimento do uso das funções da língua.

Partindo disso, os registros de Larsen-Freeman (1986) apontam que teóricos adeptos da Abordagem Comunicativa perceberam que o desenvolvimento da comunicação dentro do ensino de língua estrangeira estava se dando de forma inadequada, ou seja, a estrutura da língua era enfatizada, mas a questão de como usar a língua ainda estava comprometido. Sobre isso nos fala a autora: “*Students may know the rules of language usage, but will be unable to use the language*”⁹. (LARSEN-FREEMAN, 1986, p.123)

Segundo PAIVA (2005), dentre os estudiosos na Linguística Aplicada, os dois pilares da nova abordagem foram Wilkins (1976)¹⁰ e Widdowson (1978)¹¹, este último, traduzido no Brasil por José Carlos Paes de Almeida Filho (1991)¹².

Wilkins (1976 apud PAIVA, 2005) traz um caráter inovador ao ensino de línguas, propondo que a organização do material didático seja feita pelas noções, ou seja, pelos significados (lugar, espaço, tempo, movimento), e pelas funções da linguagem, ou atos comunicativos (ex. pedir e dar informações, fazer um pedido em um restaurante; expressar

⁹ Os alunos podem conhecer as regras do uso de linguagem, mas serão incapazes de usar a língua. (tradução feita pela autora)

¹⁰ WILKINS, D.A. **Notional syllabuses**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

¹¹ WIDDOWSON, H. D. **Teaching English as Communication**. London: Oxford University Press. 1978.

¹² Ensino de línguas para comunicação.

sentimentos, etc.). A definição dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula deve partir da perspectiva da realidade comunicativa que apresenta uma variedade de possibilidades relacionadas às situações comunicativas, ao léxico e às estruturas lingüísticas utilizadas para trabalhar um determinado conteúdo funcional.

Widdowson (1978 apud ALMEIDA FILHO, 2002) por sua vez, sistematiza as bases teóricas do movimento comunicativo do ensino de línguas, concentrando seus argumentos na confusão profunda existente entre ensinar forma gramatical (usage) e uso comunicativo (use). Enfatiza também a importância do conceito de competência comunicativa.

Por essa abordagem, a língua é concebida como sendo mais do que o conjunto de meras estruturas regidas por regras. Trata-se primordialmente de um sistema de expressão de significados, que tem como meta principal, oportunizar a comunicação e interação, como foi defendido pelo Interacionismo.

Assim, a aprendizagem deve ocorrer por meio de atividades que promovam a comunicação e utilizem a língua de maneira significativa para os alunos. O objetivo de um curso de língua comunicativo deve, portanto, ser o de levar o aluno a lidar com a língua em diferentes contextos comunicativos, usando sua estrutura de maneira satisfatória. Desta forma, a característica marcante da Abordagem Comunicativa, que a diferencia com mais nitidez dos métodos anteriores, é a ênfase no significado e no uso da língua.

Vejamos a visão de Widdowson (2001) sobre a Abordagem Comunicativa:

The communicative approach reverses the emphasis of the structural. It concentrates on getting learners to do things with language, to express concepts and to carry out communicative acts of various kinds. The content of a language course is now defined not in terms of forms, words and sentence patterns, but in terms of the concepts, or notions, which such forms are used to perform. (WIDDOWSON, 2001, p.161)¹³

Assim, segundo Widdowson (2001), a abordagem comunicativa parece não apenas mais natural e menos imaginária, mas também parece ter a vantagem adicional de enfatizar as necessidades dos alunos.

¹³ A abordagem comunicativa inverte a ênfase da estrutura. Ela concentra-se em fazer com que os alunos realizem coisas com a linguagem, para exprimir conceitos e realizar os atos comunicativos de vários tipos. O conteúdo de um curso de idioma é agora definido não em termos de formas, palavras e padrões de frase, mas em termos de conceitos, ou noções, que tais formas são usadas para executar. (tradução feita pela autora)

O ensino de língua estrangeira passa a ser centralizado na comunicação; trata-se de ensinar o aluno a se comunicar em uma outra língua e, para isso, é necessário adquirir uma competência de comunicação.

2.2.1 Competência Comunicativa

Antes da Abordagem Comunicativa, o empenho em se ensinar as habilidades orais esbarrava na falta de estudos sobre o fenômeno da comunicação humana e das características da linguagem oral. Assim, somente a partir da década de 60, os estudos linguísticos começaram a trazer contribuições fundamentais à nova visão de ensino e aprendizagem de línguas.

Apesar da importância do pensamento de Chomsky (1957) sobre a capacidade inata (competência) das pessoas para gerar enunciados, foi um de seus críticos, Dell Hymes (1972), quem forneceu um dos conceitos estruturantes da nova abordagem: a competência comunicativa. Ao contrário de Chomsky (1957) ¹⁴ que preconizava o estudo das estruturas mentais internas do indivíduo, Hymes (1972) ¹⁵ defendia o estudo da comunicação e da cultura.

Para Hymes (1972), um falante, para ser comunicativamente competente, não deve apenas dominar as estruturas linguísticas, mas saber também como a língua é usada pelos membros de uma comunidade de fala.

A partir dos trabalhos de Hymes na década de 70, a noção de competência de comunicação foi rapidamente utilizada em didática, mas, segundo Roque (2005), tal concepção passou por mudanças de conceito, sendo modificada, posteriormente, por Canale e Swain (1980) ¹⁶.

De acordo com a nova noção, a competência comunicativa possui quatro dimensões: gramatical ou linguística; sociolinguística; discursiva e estratégica.

¹⁴ CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

¹⁵ HYMES, D. **On communicative competence**. In: PRIDE, J.B.; HOMES, J. (Eds.). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1972.

¹⁶ CANALE, M.; SWAIN, M. **Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing**. *Applied Linguistics*. Vol 1, n.1., p.1-47, 1980.

A primeira dimensão compreende os conhecimentos que o falante possui da estrutura gramatical da sua língua (habilidades lexicais, fonológicas, sintáticas, semânticas, etc.), e que lhe permite formar frases aceitáveis, explorando, sobretudo, o sentido literal dos enunciados.

No segundo nível dessa competência, está a capacidade demonstrada por um falante para adaptar as formas linguísticas ao contexto social em que concretiza a sua intenção comunicativa, evitando, por exemplo, que um deputado fale no parlamento utilizando as mesmas formas linguísticas que emprega com os membros da sua família, em uma atividade cotidiana.

A terceira dimensão baseia-se no fato de que o homem se comunica não através de frases ou palavras isoladas, mas através de unidades discursivas maiores – os textos. Estes, para serem eficazes, têm que se constituir em entidades complexas, revelando coesão quanto à forma e coerência quanto ao significado. Na maior parte dos casos, este objetivo é alcançado através do uso apropriado de certos elementos linguísticos, como, por exemplo, os conectores. No fundo, é através desta competência que um falante consegue produzir um texto com *princípio, meio e fim*.

A competência estratégica, por sua vez, refere-se à habilidade que o falante possui em transformar um ato comunicativo inicialmente inoperante em eficaz. Ao contrário do que comumente se pensa, a comunicação não é um *dado sempre seguro*, muitos são os “ruídos” que podem prejudicar a eficácia comunicativa. No sentido de diminuir este fato incontornável, um falante competente terá que estar sempre atento a essa possibilidade de desvios de comunicação para poder reconhecer tais situações problemáticas e, possuindo um conjunto de recursos variados (verbais e/ou não verbais) para remediar a situação, possa fazê-lo.

Reconhecendo assim, todos os aspectos da competência comunicativa, uma das ambições da nova abordagem é ensinar ao aluno uma competência de comunicação ampla e abrangente em língua estrangeira. A comunicação é um fenômeno que deve ser considerado em seu conjunto e não sob o aspecto estritamente linguístico. Ao lado de uma competência gramatical existe uma competência de uso que permite julgar a adequação dos enunciados à situação. Para haver comunicação, não basta conhecer a língua, o sistema linguístico, é preciso igualmente saber servir-se em cada diferente contexto social (HYMES, 1972, apud VENTURINI, 2007).

De acordo com Schütz (2007), na abordagem comunicativa, a unidade básica da língua, que requer atenção, é o ato comunicativo, ao invés da frase. A função se sobrepõe à

forma e significado e situações são o que inspiram a planificação didática e a confecção de materiais. O objetivo deixa de ser o acúmulo de conhecimento gramatical ou da estocagem de formas memorizadas e passa a ser a competência comunicativa do aluno.

A aquisição de uma competência de comunicação é importante para a compreensão do discurso do outro, de suas intenções, de seu comportamento social e para o controle de suas próprias ações discursivas e de seu próprio comportamento social no momento de sua interação com os outros. Dessa forma, nos diz Larsen-Freeman (1986): “A Competência comunicativa envolve ser capaz de usar o idioma apropriado para um determinado contexto social.”

Com base nessas visões, o ensino comunicativo consegue proporcionar o desenvolvimento da competência comunicativa, tornando o aluno capaz de por em prática a aprendizagem em forma de comunicação, ou seja, envolve a capacidade do aluno em usar a língua propriamente em um contexto social, assim como também o conhecimento do uso das funções da língua.

Dessa forma, a abordagem comunicativa objetiva promover a competência comunicativa nos aprendizes, através de atividades que os tornem capazes de se comunicarem. E com esse objetivo, dentro da abordagem comunicativa, surgem os métodos comunicativos, com ideais e metas direcionadas a tal objetivo.

2.2.2 Características dos Métodos Comunicativos e o Processo de Ensino e Aprendizagem

Como sabemos, os mais diversos métodos foram criados de forma sistemática, objetivando um caminho perfeito no ensino de línguas estrangeiras. É possível, contudo, que os métodos não sejam os únicos ou melhores caminhos pra estudar problemas de ensino e formar novos professores de línguas.

Para Almeida Filho (2002), é preciso buscar um nível mais alto, mais abstrato e mais abrangente de análise para explicar o porquê de vários métodos, aparentemente distintos, possuírem bases conceituais comuns sobre a linguagem humana e o aprender e ensinar línguas.

Nesse sentido, deve-se chegar ao nível da abordagem de ensino, ou seja, uma espécie de filosofia, um enfoque, uma aproximação, um tratamento capaz de orientar todas as decisões e ações no ensino de línguas. Em suas palavras:

O conceito de abordagem é também compreendido como uma filosofia, um enfoque, uma aproximação, um tratamento, uma lida. O objeto direto de abordar é justamente o processo ou a construção do aprender e do ensinar uma nova língua. (ALMEIDA FILHO, 2002, p.18)

A abordagem, portanto, equivale a um conjunto de disposições, conhecimentos, crenças, pressupostos e, eventualmente, princípios sobre o que significa linguagem humana, LE e aprender e ensinar uma língua-alvo.

É a partir dos anos 80, porém, que a ideia de métodos dá espaço a essa nova visão que começa a ganhar força e a ideia de abordagem passa a ser preferida, já que essa se situa em um nível mais elevado, que permite maior flexibilidade nas suas realizações. (PCNs, 1998, p.76)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as abordagens estão alicerçadas em princípios de natureza variada como a sociointeracional, cognitiva, afetiva e pedagógica, diferentemente dos métodos que eram vistos como excessivamente prescritivos não levando em conta o contexto da aprendizagem.

Dessa forma, a abordagem comunicativa rege vários métodos nela baseados, ou seja, as formas estabilizadas de práticas de ensinar línguas com uma base comunicativa. Os métodos comunicativos têm como característica o foco no sentido, no significado e na interação propositada entre sujeitos na língua estrangeira. O ensino comunicativo organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes ou tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações autênticas na interação com outros falantes/usuários dessa língua. (ALMEIDA FILHO, 2002, p.36)

De acordo com Almeida Filho (2002), os métodos comunicativos não são de um único tipo. Frequentemente, se apresentam ora como métodos com foco na forma (gramatical) e comunicatizados, ora como incentivadores de uma prática da linguagem sem que ela implique temas e tópicos educacionalmente construtivos ou conflitivos, ora como comunicativos progressistas, incluindo atividades de autoconhecimento, interação verdadeira sobre tópicos reais e ideologicamente conflitivos.

O que diferencia os métodos comunicativos dos demais é que os materiais comunicativos incentivam o aluno a expressar aquilo que ele deseja ou de que precisa. As técnicas são interativas, com trabalhos em equipe que ocorrem na sala de aula. Assim o que caracteriza um método comunicativo é a ênfase maior na produção dos significados do que nas formas gramaticais. O professor promove materiais e procedimentos que incentivam o aluno a pensar e interagir na língua-alvo, abrindo espaços para que ele aprenda conscientemente aspectos escolhidos da nova língua.

Em resumo, a Abordagem Comunicativa estabelece princípios e crenças em relação ao ensino de uma língua estrangeira com propósito comunicativo e uma real interação. Nas palavras de Almeida Filho (2002),

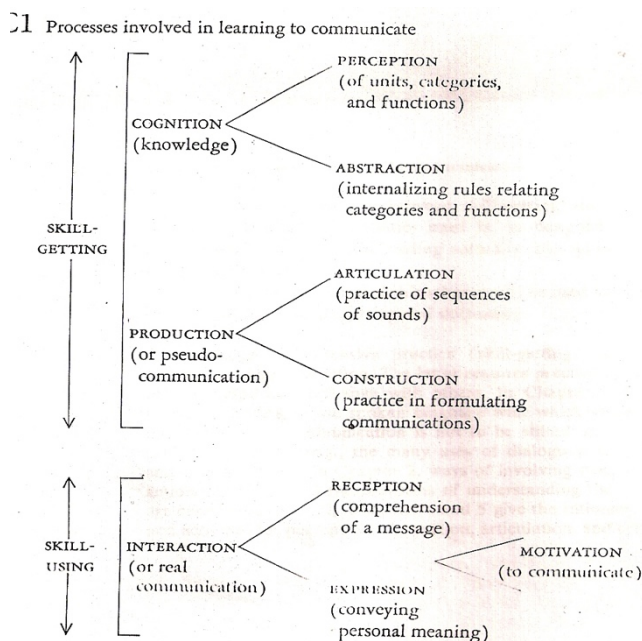
A postura comunicativa, numa palavra não se obtém com as mágicas de se autoproclamar comunicativo nem tampouco de rodear-se de materiais ditos comunicativos. Assim como a democracia, ela se instala na convicção pessoal e generalizada de que a partir de pressupostos claros se colocam as ferramentas de ensino e o esforço de aprender as línguas em percursos harmônicos de crescimento. (ALMEIDA FILHO, 2002, p.44)

Assim, o ensino comunicativo é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno, para que ele se capacite a usar verdadeiramente a língua-alvo para realizar ações na interação com outros falantes-usuários dessa língua.

Com a tentativa de preparar o aluno de maneira mais eficaz e satisfazer as exigências de uma comunicação real, a Abordagem Comunicativa parte do pressuposto de que, para aprender a língua alvo, há necessidade de praticá-la constantemente e que os processos comunicativos são tão importantes quanto as formas linguísticas, as quais, por sua vez, estão subordinadas ao significado.

Os objetivos do ensino devem refletir as necessidades dos aprendizes em termos tanto de habilidades funcionais como de objetivos linguísticos. Portanto, o processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira baseada na Abordagem Comunicativa ressalta a necessidade de ir mais além da simples transmissão e aquisição de conhecimentos gramaticais, pois se tem como objetivo permitir ao aluno comunicar-se na língua alvo.

Para entendermos melhor como se dá o processo de aprendizagem comunicativa, vejamos o esquema de Rivers e Temperley (1978):



Percebemos, então, que a aprendizagem, de acordo com a Abordagem Comunicativa, baseia-se inicialmente na aquisição de habilidades de cognição e de produção. Essas habilidades, uma vez adquiridas, apontam para as habilidades de uso através da interação.

As características da Abordagem Comunicativa refletem claramente o amadurecimento da área de Ensino de Idiomas e tornam bem óbvias as razões do sucesso desta abordagem. Em linhas gerais, a abordagem comunicativa defende que o aluno deve aprender a se comunicar na língua estrangeira através de um processo de interação com outros alunos e com o professor. Embora ocorra em grande parte em sala de aula, o processo de aprendizagem da língua deve estar voltado à preparação do aluno para lidar com situações comunicativas da vida real e, por isso, o uso de materiais autênticos é fundamental.

Widdowson (2001) ainda nos acrescenta um outro ponto de grande importância no processo ensino e aprendizagem que é conscientizar o aluno sobre seu próprio processo de aprendizagem, para que ele crie mecanismos de emancipação em relação ao professor e se aperfeiçoe segundo seu estilo e suas motivações. Desta forma, enfatiza-se um ensino que tem o aluno como centro através da valorização de suas próprias experiências, enriquecendo o aprendizado em sala de aula.

Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem na Abordagem Comunicativa, vem destacar o uso e o conhecimento da língua, ou seja, a metodologia deve estar voltada para a

verdadeira utilização da língua. E para que isso aconteça a relação professor/aluno também deve ser levada em consideração.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Luna (1996), a palavra pesquisa vem sofrendo mudanças em relação ao seu significado, assim, não se pode mais conceituar pesquisa sem levar em consideração a metodologia adotada, sendo esta metodologia compreendida através de um conjunto relacionado com as outras ciências, como a Filosofia e a Sociologia.

Assim, o trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa que trabalhou com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes sobre a temática. A pesquisa, portanto, contemplou momentos cruciais: levantamento de dados bibliográficos sobre o tema, comparação e análises desses dados. Os aportes teóricos que fundamentaram este estudo advieram de pesquisas que trouxeram reflexões acerca da aquisição da linguagem abordando as diversas teorias que embasam os estudos contemporâneos

Inicialmente, a revisão de literatura deste trabalho de pesquisa consistiu em abordar os estudos e as reflexões a respeito dos principais métodos e abordagem de ensino de línguas estrangeiras, contextualizando-os com as teorias da aquisição da linguagem que os fundamentam.

Em assim sendo, o texto se articulou de modo a apresentar as principais características da Abordagem Comunicativa, demonstrando como ela funciona na prática e evidenciando os seus êxitos e falhas no que se refere ao cumprimento de seus objetivos, ou seja, na aprendizagem da língua estrangeiras, seja ela oral, escrita, ou ambas simultaneamente.

Assim, o levantamento bibliográfico pode ser delineado pela execução da pesquisa na área de aquisição da linguagem materna, assim como também, a aquisição de uma 2ª língua, analisando as práticas que norteiam as metodologias de ensino e aprendizagem voltadas para a aquisição de línguas, levando em consideração, além das práticas pedagógicas, os fatores históricos e sociológicos que a temática carrega.

Além disso, no decorrer do trabalho, enfatizamos também a comunicação como um conjunto de competências que o aluno adquire progressivamente durante sua formação. Isso

ocorreu para que pudéssemos estudar o que realmente ocorre no desenvolvimento da aquisição da linguagem, indagando dificuldades de acordo com o diálogo da prática pedagógica, mostrando assim, que o mais importante não é somente saber sobre o sistema linguístico, mas o que se pode fazer com a linguagem no mundo real.

Nessa perspectiva, considerando o aluno como ser social representante da sociedade onde está inserido e que faz uso da língua para se firmar como verdadeiro sujeito da linguagem, a interação deve ser concebida como fator primordial para que a aprendizagem aconteça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos debates têm ocorrido ao longo da história a respeito da maneira pela qual nós adquirimos a linguagem. Alguns estudiosos defendem a imitação, outros o condicionamento, outros as habilidades inatas e outros ainda consideram um pouco de cada um desses.

As teorias da aprendizagem – Behaviorismo, Inatismo e Interacionismo – surgiram com o propósito de tentar explicar como se dá esse processo. Como vimos, cada uma destas teorias oferece explicações para determinados aspectos da linguagem no processo de aquisição.

Como acontece o processo de aquisição da língua materna e até mesmo de uma segunda língua (ou língua estrangeira), passou então a ser uma questão fortemente ressaltada no que diz respeito não só na área da linguística, mas também na área da psicologia aplicada ao ensino de línguas.

Como se aprende uma língua estrangeira? Acreditamos que isso acontece quando a língua faz sentido para o aprendiz e lhe oferece oportunidades de uso da língua, seja lendo, ouvindo, falando, escrevendo ou interagindo. E é isso que prega a abordagem comunicativa. Assim, seu estudo faz-se importante no sentido de conhecer sua eficácia na aquisição de L2 e no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira.

Ao longo do trabalho, percebe-se também as vantagens da utilização da abordagem comunicativa, pois ela visa o aprendizado centrado no aluno, não em termos de conteúdo, mas em técnicas usadas em sala de aula, ou seja, sobre as competências comunicativas voltadas para as competências gramaticais, sociolinguísticas, discursivas e estratégicas.

Acreditamos, portanto, que, a Abordagem Comunicativa possui potencialidades que vale a pena explorar. Além disso, também notamos que os métodos comunicativos têm como foco o sentido no significado e na interação propositada na língua estrangeira e que se organiza em experiências de aprender em atividades relevantes de real interesse ou necessidade para o aluno, assim como também, possibilitar a constituição de sujeitos, que ao expressarem suas construções, vivenciam uma das práticas mais fascinantes – a linguagem.

Certos de que este trabalho não tem caráter exaustivo, esperamos dar continuidade ao mesmo em pesquisas futuras, para assim continuarmos contribuindo para os estudos sobre o ensino de Língua Estrangeira no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Ed. Comemorativa – 20 anos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

BARALO, M. La adquisición del español como lengua extranjera. Madrid: Arco/Libros, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira Moderna**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CARDOSO, Rita de Cássia Tardin. **The Communicative Approach to foreign language teaching: a short introduction - managing theory and practice in the classroom**. 4 ed rev. Campinas, SP: Pontes – Artelíngua, 2004.

KRASHEN, Stephen. D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. English Language Teaching series. London: Prentice-Hall International (UK) Ltd, 1981. First internet edition July 2009. Disponível em: https://www.sdkrashen.com/content/books/principles_and_practice.pdf acesso em: 08 abril 2023.

LARSEN-FREEMAN, Diane. **Techniques and Principles in Language Teaching**. 3 ed Oxford: Oxford University Press, 2011.

LIGHTBOWN, Patsy.; SPADA, Nina. **How Languages are learned**. 4 ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa**: uma introdução. São Paulo: Editora PUC, 1996. (Série Trilhas).

RICHARDS, Jack. C., & RODGERS, Theodore. **Approaches and Methods in Language Teaching**. 2 ed Cambridge: University Press, 2001. Disponível em: <http://www.amazon.com/Approaches-Methods-Language-Teaching-Cambridge/dp/0521008433> Acesso em: 05 Abril 2023.

SANTOS, Raquel. **A aquisição da linguagem**. In FIORIN, J. L. (org) *Introd à Linguística- I objetos teóricos*, 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 211-226.

SCARPA, Ester Mirian. **Aquisição da linguagem**. In MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs). *Introdução á linguística: domínios e fronteiras*, v.2. 5 ed. São Paulo. Cortez, 2006.p 203-232.

SCHÜTZ, Ricardo. **"A Evolução do Aprendizado de Línguas ao longo de um Século."** English Made in Brazil . Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-apren.html>. Online. 05 de novembro de 2012. Acesso em: 08 abril 2023.

TAFAREL, Gabriele. **As Teorias de Aquisição de Segunda Língua**. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, 2018, Nº 000127,31/07/2018. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/teorias-de-aquisicao-de-segunda-lingua>. Acesso em: 09 abril 2023.

	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
	Campus Cabedelo - Código INEP: 25282921
	Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Camboinha, CEP 58103-772, Cabedelo (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0010-66 - Telefone: (83) 3248.5400

Documento Digitalizado Restrito

TCC final

Assunto:	TCC final
Assinado por:	Ione Vieira
Tipo do Documento:	Anexo
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Restrito
Hipótese Legal:	Informação Pessoal (Art. 31 da Lei no 12.527/2011)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- Ione Michele Adelaide Vieira, DISCENTE (202227400005) DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS - CAMPUS CABEDELÔ, em 28/04/2025 15:19:03.

Este documento foi armazenado no SUAP em 28/04/2025. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1473476
Código de Autenticação: 51febd786d

